

Michel Pêcheux e a História Epistemológica da Lingüística

Michel Pêcheux y la Historia Epistemologica de la Linguistica

Maria do Rosário Valencise GREGOLIN*

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (Unesp)

RESUMO

Interessado em entender a história da ciência da linguagem, Michel Pêcheux produziu uma série de textos nos quais traça o percurso das idéias saussureanas e recompõe a história das teorias lingüísticas no século XX. Com base nas sínteses realizadas por Pêcheux, este artigo propõe acompanhar o trajeto epistemológico que produziu um lugar para a Análise de Discurso no interior da ciência da linguagem. Trata-se de visualizar um *entre-lugar* em que se recortam grandes debates entre teorias lingüísticas e onde se desenha o espaço da Análise de Discurso como um entrecruzamento da língua, do sujeito, da sociedade e da história.

PALAVRAS-CHAVE

Lingüística. História. Língua. Análise de Discurso. Epistemologia.

RESUMEN

Michel Pêcheux, interesado en entender la historia de la ciencia del lenguaje, produjo una serie de textos en los que manifiesta el transcurso de las ideas saussureanas y recompone la historia de las teorías lingüísticas del siglo XX. Este artículo propone un recorrido epistemológico a partir de las síntesis realizadas por Pêcheux, con el objeto de acompañar el trayecto que dio lugar al Análisis de Discurso dentro de la ciencia del lenguaje. Propone por lo tanto la mirada desde un "entre-lugar" en el que se producen grandes debates entre teorías lingüísticas y en dónde se ubica el espacio del Análisis de Discurso como un entrecruzamiento de la lengua, del sujeto, de la sociedad y de la historia.

PALABRAS-CLAVE

Lingüística. Historia. Lengua. Análisis de Discurso. Epistemología.

* Sobre a autora ver página 111.

Michel Pêcheux: no coração da língua e da história

Michel Pêcheux foi apaixonado pela história da ciência: disso são provas não só os vários artigos em que toca, direta ou tangencialmente, na determinação, sempre estreita, da história sobre a ciência, como o fato de tê-la tomado como objeto de reflexão no livro escrito com Fichant (1969). Particularmente, interessou-se pela história da ciência da linguagem. Ele a abordou em vários textos, entre os anos 1970 e 1980 e, de forma mais estendida, no livro **La langue introuvable**, publicado com Gadet em 1981.¹ A leitura desses seus textos nos conduz por um trajeto em que se mostra uma escrita da história da Lingüística que, por ser histórica, exhibe o olhar do filósofo e recompõe um panorama dos debates que animaram a construção de um campo do saber durante o século XX. Esses textos podem ser lidos como *documentos*. Neles serão encontrados vestígios que nos levam a compreender os enunciados fundadores das concepções essenciais das correntes da Lingüística. No entanto, optamos, neste ensaio, por uma leitura desses textos peuchetianos pela sua síntese, efetuada no artigo **A desconstrução das teorias lingüísticas**. Para situá-la, recorreremos a um texto anterior (**Há uma via para a Lingüística fora do logicismo e do sociologismo?**) e a dois textos posteriores (**Sobre os contextos epistemológicos da análise de discurso; O discurso: estrutura ou acontecimento?**), pensando, assim, mostrar a permanência de uma problematização que produz efeitos na construção do edifício teórico da Análise de Discurso. Realizamos, então, uma leitura que propõe recompor o trajeto da preocupação de Pêcheux com a história epistemológica da

Lingüística enxergando seus textos como *monumentos*. Produzidos em um certo lugar e em um certo momento histórico, eles não apenas traçam uma história da Lingüística, como também exibem os entornos das vozes (do autor em diálogo com outros autores) convocadas para essa escrita. Pegadas da heterogeneidade, inscrições do Outro no fio do discurso científico: esse emaranhado deixa aparecer uma singularidade que deveria estar dissimulada no gênero científico? Entretanto, envolvido na tarefa incessante de (re) construção do campo da Análise de Discurso, Michel Pêcheux vai mostrando a heterogeneidade à medida que indaga as suas vizinhanças, as suas fronteiras, os seus limites. Compreender a história epistemológica da Lingüística é uma “urgência teórica” essencial nessa tarefa, pois é por ela que Pêcheux pode desenhar uma paisagem problemática (um embate entre o formalismo e o sociologismo), inserindo a análise do discurso num *entre-lugar* – no coração da incontornável relação entre a língua e a História.

Há uma via para a Lingüística entre o logicismo e o sociologismo?

Do ponto de vista de Pêcheux, a história da Lingüística deixa entrever um combate entre tendências que oscilam do logicismo ao sociologismo. Isso estará no centro da construção/ desconstrução das teorias lingüísticas, a ser operada à luz das leituras de Saussure feitas no decorrer do século XX.

Essa é a temática central do texto **Existe uma via para a lingüística fora do logicismo e do sociologismo?**, escrito com Françoise Gadet (1977), apresentado em um colóquio em Bruxelas. A pergunta enunciada no título retoma uma discussão já iniciada em textos anteriores,

¹ Essa preocupação, recorrente na obra de Michel Pêcheux, é o tema dos artigos **Remontemos de Foucault a Spinoza** (1977a), **Há uma via para a Lingüística fora do logicismo e do sociologismo?** (1977b); **Sobre os contextos epistemológicos da Análise do Discurso** (1983a) e **O discurso, estrutura ou acontecimento?** (1983b).

sobre as “tendências” em jogo dentro da história da Lingüística. Desenha-se, aqui, a idéia de que o discurso deve situar-se num outro lugar e, portanto, pode constituir-se como uma via para que a Lingüística saia tanto do sociologismo quanto do logicismo. A análise da “tendência do logicismo” (inscrita na evolução da gramática gerativa) e da “tendência do sociologismo” (ilustrada pelo desenvolvimento da sociolingüística) revela uma “crise permanente da Lingüística”, motivada pelas divergências sobre os conceitos de “língua” e de “sujeito”. Naquele momento (1977), essa “crise” se materializava na hegemonia que a Lingüística formal adquiria no meio francês, ao mesmo tempo em que se anunciava o fim do estruturalismo e o fortalecimento da sociolingüística. Para Pêcheux e Gadet, enquanto o logicismo pagava qualquer possibilidade de que se incluísse a história, o sujeito e a sociedade – e, portanto, afastava a discussão política – a sociolingüística era “um lugar de recobrimento da política pela psicologia”, um lugar onde se reiteravam as “evidências” do sujeito individual e coletivo, da comunicação intersubjetiva.

Criticando a denegação do político que tanto o logicismo (explicitamente) quanto o sociologismo (implicitamente) – e, portanto, cada um a seu modo – provocavam, Pêcheux e Gadet (1977, p. 15-18) propõem que

as noções de **discurso** e de **formação discursiva** desempenham o papel de desubjetivação da teoria da linguagem e ajudam a pensar a relação de intrincamento entre a língua e as formações ideológicas, através da qual práticas lingüísticas tendencialmente antagonistas vêm se desenvolver sobre uma mesma base lingüística.

Assim, é na relação entre o **sistema da língua** (*base comum de processos discursivos diferenciados*) e a **formação discursiva** (aquilo que, em uma determinada formação ideológica, a

partir de uma posição dada em uma conjuntura dada determinada pelo estado da luta de classes, determina o que pode e deve ser dito) que se realizam as práticas discursivas, os processos discursivos diferenciados, por meio dos quais os sujeitos produzem e reconhecem os sentidos na história. Encontra-se, portanto, nesse texto, a pista para se pensar o relacionamento entre o lingüístico e o discursivo. Esclarece-se, conforme a oposição entre “logicismo” e “sociologismo”, que a análise de discurso propõe um outro lugar, uma outra via para os estudos da linguagem. A história, que costurou as retomadas e os deslocamentos entre formalismo e sociologismo, será abordada no texto de 1982, em um panorama no qual se delineiam as leituras e releituras do **Curso de Lingüística Geral** durante o século XX.

A desconstrução das teorias lingüísticas

Saussure ficou sozinho com suas idéias... Em torno dessa afirmação, Michel Pêcheux (1982) analisa a história epistemológica da Lingüística, tecendo observações sobre as *tendências à desconstrução das teorias*, conforme a análise das alianças teóricas que se estabeleceram “com” e “contra Saussure”.

Trata-se de um texto polifônico: Pêcheux, nos anos 80, dialoga com a fala de Benveniste dos anos 60, meio século após a publicação do **Curso de Lingüística Geral**. Por sua vez, o texto benvenisteano rebate a fala de Meillet (dos anos 20) de que “Saussure não havia cumprido seu destino”. Para Benveniste, meio século depois, não há lingüista que não deva algo a Saussure. Retomando a fala de Benveniste (anos 60), Pêcheux (1982) resgata a voz de Meillet, reinserindo-a na história dos debates em torno de Saussure. Ao atualizar esse percurso de vozes, Pêcheux instala três marcos temporais descontínuos: o primeiro momento da leitura de Saussure (anos 20), a sua re-leitura por Benveniste

nos anos triunfantes dos estruturalismos franceses (anos 60) e a nova re-leitura do momento de fala em crise (Pêcheux, anos 1980). A essa descontinuidade Pêcheux denomina como *diásporas e reunificações* em torno de Saussure.

Para Pêcheux (1982), essas retomadas e deslocamentos são derivadas do fato de que Saussure *pôs-se a pensar contra seu tempo* ao buscar o *próprio da língua*, realizando o corte epistemológico que fundou a ciência lingüística. Ele abriu, assim, a possibilidade das polêmicas e, por isso, a afirmação triunfal de Benveniste precisa ser polemizada, já que a maioria dos lingüistas, nos anos 80, *pensa contra Saussure* e debanda para a sociologia, a lógica, a estética, a pragmática, a psicologia... Olhando agudamente para a situação da Lingüística naquele início dos anos 80, Pêcheux observa que o “próprio da língua” tornou-se um objeto residual da pesquisa lingüística, levando à “desconstrução teórica” do corte inaugural de Saussure.

O olhar de Pêcheux (1982) vai-se deslocar, então, para a história epistemológica da Lingüística que, desde o seu início, não parou de se negar através de uma alternância de *diásporas* reais e de *reunificações* enganadoras. “Estranho destino” da história das idéias lingüísticas, que não se faz por um desenvolvimento autônomo, retilíneo e cumulativo de um núcleo de conhecimentos do objeto língua, mas por uma *série de retomadas e de negações*. Exposta aos efeitos complexos do processo conjuntural que constitui o espaço no qual sua história se produz, as determinações históricas provocaram sucessivas redes de afinidades e, por isso, o “próprio da Lingüística” é indissociável das escolhas por meio das quais se constitui e se transforma a rede de suas alianças. Essa trama histórica, para Pêcheux, pode ser vislumbrada em alguns momentos nos quais as diásporas e reunificações

decidiram o destino das pesquisas em torno de aceitações e recusas às propostas saussureanas. E ele vai situá-las em alguns momentos descontínuos em que se pode observar a ação da História sobre as teorias.

Diásporas e reunificações...

A primeira diáspora aconteceu entre os **anos 1920 e 1940**, momento em que a Lingüística vai vagar de círculo em círculo – Moscou, Praga, Viena, Copenhagen – com diferentes interpretações sociologistas, logicistas ou psicologistas das intuições saussureanas. Certamente, esse circunlóquio – que vai instaurando a história das interpretações das idéias saussureanas – acompanha a História das revoluções e das guerras do século XX: Trubetzkoy e Jakobson fugindo às perseguições migram de um círculo a outro. Trubetzkoy “desaparece”, Jakobson sobrevive e migra para os Estados Unidos e da América faz as idéias saussureanas chegarem à França...²

No pós-guerra dos **anos 50**, ocorre uma aparente reunificação, e, do funcionalismo de Martinet às teorias behavioristas da comunicação, o pensamento de Saussure se estende ao estruturalismo de Bloomfield, deste a Harris e até aos primeiros trabalhos de Chomsky. E neles,

a herança do estruturalismo saussureano parecia se dirigir para suas melhores condições de realização, através da espetacular retomada, no nível sintático, dos fundamentos teóricos que Saussure havia formulado no plano fonológico e morfológico (PÊCHUEX, 1982, p. 10).

Essa aparente unificação da Lingüística coincide com a retomada do desenvolvimento industrial do pós-guerra e o conseqüente desenvolvimento e difusão de novas tecnologias (na produção, na formação profissional, na

² Enredo de uma história ainda a ser reconstituída, em que o trágico funciona como motor da história da ciência da linguagem.

educação, na saúde). No entanto, a “teoria da informação”, a psicologia behaviorista, a cibernética, a computação, a tradução automática, a inteligência artificial fizeram a Lingüística “matematizar-se”, buscando na lógica a natureza da linguagem. Assim, apesar dos esforços de Jakobson, *de fazer valer o estatuto poético da linguagem humana*, a Lingüística dos anos 50 continuou presa nesse imaginário interdisciplinar da comunicação como *regulação funcional controlada* (PÊCHEUX, 1982, p. 16).

Essa unidade acadêmica da Lingüística pós-saussureana novamente se esfacela no início dos **anos 1960**, sob o efeito de dois processos: a) a hegemonia teórica da Gramática Gerativo Transformacional; b) o aparecimento de nova corrente (filosófica, epistemológica e politicamente heterogênea), de um novo dispositivo filosófico, que se constituiu pela releitura de Marx, Freud e Saussure, operada por Lévi-Strauss, Lacan, Althusser, Foucault, Derrida. Essa (re)leitura de Saussure foi um dos principais motores do grande movimento cujo objetivo era separar a Lingüística do funcionalismo sócio-psicologista, apoiando-se, principalmente, nos trabalhos de Jakobson e de Benveniste. A **Análise de Discurso** francesa surge nesse contexto, como disciplina transversal fortemente marcada por essa conjuntura epistemológica. Na França, durante as décadas de 60 e 70, os argumentos do chomskismo não convenceram,

diante da subversão teórica da ‘tríplice aliança estruturalista’ [Marx, Freud, Saussure] que colocava a antropologia, a história, a política, a escrita literária e a poesia ao lado da Lingüística e da Psicanálise (PÊCHEUX, 1982, p. 12).

Ocorre, nesse período (que vai de **1960 a 1975**) uma reestruturação global da rede de afinidades disciplinares em torno da Lingüística. Essa reestruturação foi obra do estruturalismo, que marcou o fim da hegemonia filosófica da fenomenologia e do existencialismo, com o

aparecimento da antropologia estrutural, a renovação da epistemologia e da história das ciências, a psicanálise antipsicologista, novas formas de experimentação na escrita literária, a retomada da teoria marxista. Quando as três teorias se encontraram (psicanalítica, marxista, lingüística/antropológica), criou-se um efeito subversivo, que trazia a promessa de uma revolução cultural, na medida em que colocava em causa as evidências da ordem humana, como ordem estritamente biossocial, e o reconhecimento de um fato estrutural próprio da ordem humana: *o da castração simbólica* (PÊCHEUX, 1999, p. 17). No contexto político dos anos 60, o efeito subversivo estruturalista ultrapassou o quadro universitário, e a teoria e a literatura tornaram-se lugares de intervenção ideológica, afetando o conjunto do campo sócio-político. Instaurou-se *um trabalho do significante no registro político*, visando a uma nova maneira de ouvir a política. A partir de 1975 isso vai-se desmoronar progressivamente, com a crise do “lacanismo”, do “marxismo”, e vai-se instalar a *revolução cultural abortada*. O esgotamento dos efeitos do movimento estruturalista acarretou, para a Lingüística, uma re-configuração de seu dispositivo de embasamentos epistemológicos.

Assim, o início dos **anos 1980** é marcado por uma nova mudança no regime das pesquisas lingüísticas. Ocorreu, simultaneamente, o final do materialismo estrutural à francesa e do chomskismo. Houve a formação de um largo consenso anti-saussureano e anti-chomskiano, *baseado na idéia – simples, porém eficaz – de que a Lingüística formal é falaciosa e inútil, e que é mais do que urgente se ocupar de outra coisa* (PÊCHEUX, 1982, p. 13). Nesse movimento – em que se desconhecem as diferenças e ocorre a identificação de Saussure e Chomsky – cresce uma aversão inconsciente pelo “próprio da língua”. Caracteriza-se, então, o que Pêcheux denomina a “desconstrução das teorias lingüísticas”: uma

nova diáspora intelectual, que tende a mergulhar a Lingüística em questões de biologia, de lógica e de psicologia. *Novamente Saussure ficou sozinho com suas idéias...* Desconstruídas as teorias lingüísticas, instaura-se *um esforço para atingir o nível internacional do positivismo bio-psico-funcional!* (PÊCHEUX, 1999, p. 21).

Nesse momento de séria crise, a Lingüística teve que escolher entre o esfacelamento e a integração. O roteiro do esfacelamento implica a dissociação institucional entre uma Lingüística *do cérebro* e uma Lingüística *social*. A Lingüística do cérebro pensa a língua como uma classe de programas entre outros (inteligência artificial, cibernética, hardware etc.), como parte das Ciências da Vida. A Lingüística social fica em uma posição dominada e marginal ou, pelo contrário, integrada no grande projeto político biossocial. As teorias pragmáticas, com a sociologia das interações, os atos indiretos de linguagem, os cálculos inferenciais etc. inscrevem-se massivamente nessa tendência, no interior da qual é impossível pensar

a ordem simbólica como fato estrutural pois o jogo mallarmeano dos significantes, a incidência inconsciente do chiste e tudo o que da língua escapa ao sujeito falante [...] é incongruente para essa nova ordem (PÊCHEUX, 1982, p. 23).

O registro do literário e do poético (apesar dos trabalhos de Jakobson, Benveniste, Barthes, Kristeva) é considerado um luxo aristocrático para os tempos de paz, que deve saber apagar-se diante da pressão lógica da urgência (PÊCHEUX, 1982, p. 24).

Da crise da Lingüística (entre o cérebro e o social), o que poderá resultar?

Analisando o panorama do início dos anos 80, Pêcheux conclui que o sufocamento do

estruturalismo político francês coincide com o crescimento da recepção desses trabalhos em outros países, que descobrem o estruturalismo no momento em que a intelectualidade francesa ‘vira a página’, desenvolvendo um ressentimento maciço face a teorias, suspeitas de terem pretendido falar em nome das massas, produzindo uma longa série de gestos simbólicos ineficazes e performativos políticos infelizes (PÊCHEUX, 1982, p. 18).³

Essa nova crise trouxe a necessidade de uma revisão teórica que colocou em causa os objetos do estruturalismo, excessivamente centrado nos grandes Textos, e obrigou os pesquisadores a olharem o que se passava “embaixo” – nos espaços que constituem o ordinário das massas, especialmente em períodos de crise – a necessidade de entender esse discurso (quase sempre silencioso), de *se pôr na escuta das circulações cotidianas, tomadas no ordinário do sentido*. Trata-se, portanto, de incorporar aos estudos lingüísticos as formulações desenvolvidas por uma nova concepção de “história” – a microhistória, a história do cotidiano, a nova história que olha para o que fazem e dizem os sujeitos do cotidiano, principalmente desenvolvida por Michel de Certeau. Para Pêcheux, é por essa via que se pode fugir do perigo do discurso triunfante do psicobiologismo, principalmente naquele momento em que a sofisticação da tecnologia e a pressão populista da urgência começavam a oferecer um espaço propício para que o domínio biossocial pudesse desabrochar. Nesse ambiente, em que os programas interdisciplinares da inteligência artificial e do tratamento da informação promoviam um novo sistema de alianças, instalava-se a idéia tentadora de uma Lingüística que deveria aceitar *tratar o simbólico como um sinal e a linguagem como um instrumento lógico* (PÊCHEUX, 1982, p. 20) e fazer da Psicologia a nova ciência-

³ Seria o caso de nos perguntarmos, hoje, em que medida o destino da análise de discurso brasileira foi afetado por essa crise francesa do início dos anos 1980, já que ela iniciou-se, aqui no Brasil, exatamente nessa época.

piloto. A partir do chomskysmo, essa concepção de Linguística é bastante aceita. Disso resulta o recalque da ordem simbólica, o restabelecimento de um sujeito dono de si mesmo e responsável por suas escolhas, *curado da inqualificável ferida que podia constituir a suposição de que a língua, ou qualquer coisa dela, escapa-lhe*. Dessa crise, o que poderia resultar? Pensando a análise de discurso como um campo que se situa entre a língua e a história, Pêcheux propõe uma divisão de universos discursivos que separa fatos de natureza psicobiológica e outros que acolhem as incertezas do histórico.

A partir dessa divisão, Pêcheux propõe a existência de diversas séries de **universos discursivos logicamente estabilizados** – inscritos no espaço das *matemáticas*, das ciências da natureza, das tecnologias industriais, nas esferas sociais dos dispositivos de gestão-controle administrativos – que se apóiam em certas propriedades das línguas naturais, autorizando operações, dicotomizações, cálculo lógico, metalíngua etc. É a existência desses espaços da urgência que garante a abordagem formalista, isto é, o embasamento da reflexão linguística em conceitos lógicos, semânticos e pragmáticos.

No entanto, continua Pêcheux, é necessário reconhecer que qualquer língua natural é também, antes de tudo, a condição de existência de **universos não-estabilizados logicamente**, próprios ao espaço sócio-histórico dos rituais ideológicos, dos discursos filosóficos, dos enunciados políticos, da expressão cultural e estética. Nesses, a ambigüidade e o equívoco constituem um fato estrutural incontornável. O jogo das diferenças, alterações, contradições não pode aí ser visto como um amolecimento de um núcleo duro lógico. Esse é o espaço da análise de discurso enquanto um campo do saber que se caracteriza pela interpretação e que se interessa pelo sentido como *um ponto de deriva*.

Pensando com Milner que *nada da poesia é estranho à língua e que nenhuma língua pode ser pensada*

completamente, se a ela não se integra a possibilidade de sua poesia, Pêcheux propõe construir procedimentos para abordar o fato linguístico do equívoco como fato estrutural implicado pela ordem simbólica. O objeto da Linguística (o próprio da língua) é atravessado por uma divisão discursiva entre dois espaços: a) o da manipulação das significações estabilizadas, normalizadas por uma higiene pedagógica do pensamento; b) o de transformações do sentido, escapando a qualquer norma estabelecida *a priori*, de um trabalho do sentido sobre o sentido, tomados no relançar indefinido das interpretações. A fronteira entre esses dois espaços é muito difícil de determinar. Há uma zona intermediária de processos discursivos (derivando do jurídico, do administrativo e das convenções da vida cotidiana) que oscilam em torno dela: nessa região discursiva intermediária, as propriedades lógicas dos objetos deixam de funcionar – os objetos têm e não têm esta ou aquela propriedade – e instaura-se uma zona de paradoxos, de ambigüidades que fazem parte da natureza da linguagem.

Ao mostrar essa divisão de universos discursivos, Pêcheux critica o estruturalismo, para o qual *esse caráter oscilante do registro do ordinário do sentido escapou completamente [fechando-o] totalmente no inferno da ideologia dominante e do empirismo prático, considerados como ponto-cego, lugar de pura reprodução do sentido*. Trata-se de uma autocrítica que aponta um “erro” na base das concepções do modelo estruturalista. E esse “erro” consistiu no fato de pensar os espaços do simbólico e do ideológico como um processo *excepcional*, o momento heróico e solitário do teórico e do poético (Marx e Mallarmé) como trabalho extraordinário do significante. O “erro” foi, portanto, o de ter deixado de fora os discursos ordinários (os proletários não podem dar-se o luxo de terem um inconsciente?!). Essa concepção aristocrática trazia embutida a velha certeza elitista de que as classes dominadas não inventam jamais nada,

porque elas estão tão absorvidas pelas lógicas do cotidiano que os jogos de ordem simbólica não lhes diriam respeito... Sarcasticamente, conclui Pêcheux: o humor e o traço poético não são “o domingo do pensamento”; eles pertencem aos meios fundamentais de que dispõem os sujeitos ao utilizarem as estruturas do sistema da linguagem.

O que é, então, o próprio da língua – objeto primordial da Lingüística saussureana?

Esse exercício reflexivo realizado por Pêcheux, ao evocar a *destruição das teorias lingüísticas*, tem o objetivo de interrogar a concepção lingüística que se tornava dominante a partir dos anos 1980, essa lingüística que, segundo ele, cedia de antemão à psicologia do sujeito dono de si e responsável por suas escolhas, e que elidia, como consequência, o *real da língua*, princípio fundamental da proposta de Saussure. Para Pêcheux, o que há de primordial na doutrina saussureana é o fato de ela propor que a linguagem, sob qualquer ponto de vista estudado, é sempre um objeto duplo. Por um princípio simétrico da dualidade, a linguagem oscila entre a “felicidade pela simetria” (Jakobson e seus trabalhos sobre os embreadores) e o drama da abertura de cada palavra (Benveniste e suas análises sobre os pronomes pessoais, os tempos verbais etc.). *Entre a simetria (através da qual o outro aparece como o reflexo do mesmo, por uma regra de conversão) e o equívoco (no qual a identidade do mesmo se desregula, se altera a partir do interior), o paradoxo da língua toca duas vezes na ordem da regra: pelo jogo nas regras, e pelo jogo sobre as regras* (PÊCHEUX, 1982, p. 27). A sintaxe é o lugar em que esse jogo é mais visível, por isso é aí que se pode tocar mais

perto no próprio da língua como ordem simbólica: toda construção sintática é capaz de deixar aparecer uma outra, no momento em que uma palavra desliza sobre outras palavras.⁴

O reconhecimento dessa realidade dual da língua traz conseqüências metodológicas, pois é preciso pensá-la *como um corpo atravessado por falhas* (PÊCHEUX, 1982, p. 28). Longe de tentar apagar, pela matematização, isso que é o próprio da língua (sua dualidade na e sobre as regras), Pêcheux propõe que a Lingüística precisa acolher a ambigüidade, a contradição, o jogo: essas propriedades intrínsecas ao seu objeto.

A Análise de Discurso situa-se nesse *entre-lugar*

Toda essa trajetória de reflexão sobre a história da Lingüística tem, em Michel Pêcheux, o objetivo de pensar o lugar da Análise de Discurso no interior das diversas crises da ciência da linguagem. Ela culmina, em seus últimos textos, com a instalação de uma região transdisciplinar, na qual será possível enxergar os entrecruzamentos que estão na base da relação entre a língua, o sujeito, a sociedade e a História. Portanto, em torno de Saussure, Freud e Marx⁵ e das suas releituras durante o século XX. São dois textos, principalmente, escritos em seu último momento (1983), que refletem sobre esse tripé básico na constituição da análise de discurso e que nos deixam os indicadores daquilo que poderá ser o caminho a ser trilhado a partir de então.

Sobre os contextos epistemológicos da análise de discurso é, ao mesmo tempo, uma síntese do que aparecerá, de forma mais aprofundada, em **O discurso: estrutura ou acontecimento?** e um balanço da edificação da

⁴ Certamente, essa percepção sobre a centralidade da sintaxe [ainda uma herança do estruturalismo?] determinou os trabalhos realizados por Pêcheux sobre as relativas, os encaixamentos, as completivas (respectivamente: Pêcheux (1981a); Pêcheux, M. (1981b); Pêcheux e Leon (1981) Gadet, Leon, Pêcheux (1984).

⁵ Que Pêcheux denominava como a “tríplice aliança”.

Análise de Discurso. Ao retomar os contextos epistemológicos da análise de discurso, Pêcheux torna visíveis as confluências teóricas que sustentaram suas proposições, baseadas na idéia da transdisciplinaridade e que permitem delimitar os acordos e desacordos entre a Linguística e os campos da sociologia, da história e da psicanálise.

Situando-se em um momento de forte disciplinarização, na França, de um campo denominado “análise de discurso” e, definitivamente, não concordando com essa etiqueta, Pêcheux afirma que *se nos baseamos nas designações acadêmicas em uso no Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS) e na Universidade*, a análise de discurso na França é um trabalho de **lingüistas** (Dubois e o distribucionalismo harrisiano), de **historiadores** e de **psicólogos** (da psicologia social, em ruptura crítica com essa disciplina). No entanto, diz ele, *para além das designações acadêmicas*, a análise de discurso deriva de problemáticas filosóficas e políticas, em curso nos anos 60, que formaram a base concreta, *transdisciplinar* de um encontro (confronto) sobre a questão da discursividade dos processos ideológicos.

É essa transdisciplinaridade que interessa a Pêcheux (1983a) analisar, a fim de evidenciar, no contexto epistemológico da Análise de Discurso, aquilo que formata a sua especificidade. Com esse objetivo, ele elenca alguns campos do saber que têm áreas de contato (e limites) com a análise de discurso. Primeiramente, as pesquisas sócio-históricas, que, antes da análise de discurso, já trabalhavam na análise das lutas políticas, dos funcionamentos institucionais, dos debates e confrontos de toda ordem. No entanto, a historiografia documental não tematizava a *discursividade* do documento (sua língua, seu estilo,

sua escrita); eram e são ainda, em 1983, “qualitativas” ou “quantitativas”. Essa dificuldade foi ultrapassada pela *história social das mentalidades* (principalmente pelos historiadores de uma “nova história”, como Ariès, Le Goff, Nora, Chartier etc.), pois, ao interpretarem os textos, colocam em causa a transparência da língua; assim, ao interpretarem séries textuais em que se inscrevem discursivamente determinadas figuras (do louco, da infância, da sexualidade etc.), abandonam as certezas associadas ao enunciado documental. Eles quebram, portanto, a idéia tradicional da transparência e da evidência da linguagem, orientando os estudos históricos para a ambigüidade, para o equívoco, para a polissemia da língua.

Nesse particular, um lugar especial é dado por Pêcheux (1983a) ao trabalho de Foucault. Para ele, a **Arqueologia do Saber** (1969), que trata explicitamente o documento textual como um *monumento* (“vestígio discursivo em uma história, um nó singular em uma rede”), propõe a análise das discursividades e permitiu a construção teórica da intertextualidade e, de maneira mais geral, do *interdiscurso*. Com essa contribuição de Foucault, a análise de discurso foi levada a afastar-se, ainda mais, de uma concepção classificatória que dava privilégio aos discursos oficiais “legitimados”. No entanto, segundo Pêcheux, falta aprimorar a metodologia proposta por Foucault, o que faz com que as análises sejam, ainda, demasiadamente pontuais e triviais.⁶

No que diz respeito ao campo das pesquisas *sociológicas*, Pêcheux (1983a) julga que as análises se transformaram consideravelmente. Para isso, contribuíram os questionamentos sobre alguns pontos: a) o seu conteudismo; b) a análise

⁶ Pêcheux ressalva, entretanto, que esse problema poderá ser resolvido, a longo ou a médio prazo, com a metodologia da informática que fortalecerá os trabalhos feitos pelos historiadores. Esse prenúncio viria a ser confirmado pelos trabalhos realizados [a partir dos anos 1980 e 1990] pelos historiadores reunidos naquilo que se convencionou denominar “análise de discurso do lado da história”, cujos expoentes são R. Robin, J. Guilhaumou e D. Maldidier. Um lugar especial nesse aprimoramento sugerido por Pêcheux, não necessariamente pela via da informática, precisa ser dado, ainda, aos trabalhos de J. J. Courtine. Ver: Gregolin, 2004.

extensiva de séries de entrevistas; c) o seu centramento sobre os funcionamentos institucionais; d) a sua atitude documental. O interesse por formas pré-institucionais levou numerosos pesquisadores à análise dos rituais discursivos de assujeitamento, de tomada da palavra, de interpelação, de troca dialógica etc. Buscando marcar as diferenças, no interior da análise de discurso francesa, entre os trabalhos de seu grupo e aqueles de inspiração americana (*discourse analysis*), Pêcheux acentua que os sociolinguistas – na abordagem da linguagem ordinária – tomam eixos macro-sociológicos (o contato entre línguas de estatutos sociais diferentes; os desnivelamentos intralingüísticos entre códigos sociais diferenciados) e micro-sociológicos (atos de fala, relações pragmáticas, mecanismos argumentativos, narrativos, descritivos, visando a analisar as “estratégias” de poder manipuladas nas interações dos sujeitos falantes na situação) mas ainda não resolveram sua relação com as teorias saídas da psicologia social americana, no estudo das relações verbais entre sujeitos. Por não questionarem essa base psicológica, *elas tomam a ‘situação’ como uma cena fechada, a-histórica, na qual a linguagem (falas, textos, discursos) é imediatamente identificada a seqüências observáveis de ações (condutas, comportamentos) de trocas entre os protagonistas da interação* (PÊCHEUX, 1983a, p. 11).

A Análise de Discurso proposta por Pêcheux quer marcar uma ruptura com essas abordagens, na medida em que elas elidem o triplo registro da história, da língua e do inconsciente. Ele retoma, aqui, a crítica já feita anteriormente, àquilo que denomina como uma mistura entre “uma Lingüística do cérebro e uma Lingüística social”. Por querer tratar desse triplo registro (língua, história, inconsciente), o trabalho proposto por Pêcheux teve que se confrontar com o “mito omni-eficiente do sujeito psicológico” (PÊCHEUX, 1983a, p. 11), desvelando o “narcisismo universal do pensamento humano”,

por meio do qual o sujeito é pensado como “estrategista consciente, racional e lógico-operatório”, cujos poderes são limitados pelo biológico e pelo social:

No espaço desse mito psicológico, a história não é outra coisa do que a resultante de uma série de situações de interações, reais ou simbólicas; a língua não é outra coisa que uma [fraca] porção dessas interações simbólicas, e o inconsciente não é outra coisa que a não-consciência afetando negativamente este ou aquele setor da atividade do sujeito, em função das determinações biológicas e/ou sociais mencionadas nesse instante (PÊCHEUX, 1983a, p. 12).

Os psicólogos profissionais não são os únicos responsáveis por esse mito, pois, segundo Pêcheux, eles apenas lhe deram forma. Esse mito é uma “evidência da epistemologia espontânea da ação humana”. O analista freudiano, pelo contrário, apóia-se no saber inconsciente do sujeito sem ter a ilusão de que “domina” esse saber (pois ele, analista, também está sujeito à ferida narcísica). Mas os lingüistas, os historiadores ou sociólogos não estão suficientemente advertidos sobre essa diferença; o que pode levá-los a confundir psicologia e psicanálise em uma global “teoria do sujeito” que eles esperam que os ajude a pensar o estatuto do locutor e do enunciador, da “atividade simbólica”, do agente sócio-histórico. Para Pêcheux, essa questão incide, de fato, sobre o *conjunto das disciplinas da interpretação*, entre as quais se situa a análise de discurso. Inserindo a análise de discurso na problemática da interpretação, Pêcheux retoma a idéia da não-transparência do sentido e da ilusão de subjetividade provocada pelo assujeitamento ideológico do sujeito, e estabelece a concepção de sujeito e de sentido ao propor o objetivo da análise:

A análise do discurso não pretende se instituir em especialista da interpretação, dominando ‘o’ sentido dos textos, mas somente construir procedimentos expondo o olhar-leitor a níveis

opacos à ação estratégica de um sujeito [tais como a relação discursiva entre sintaxe e léxico no regime dos enunciados, com o efeito do interdiscurso induzido nesse regime, sob a forma do não-dito que aí emerge, como discurso outro, discurso de um outro ou discurso do Outro] (PÊCHEUX, 1983a, p. 14).

Assim, por entender a leitura como atividade de um sujeito que é, ao mesmo tempo, despossuído e responsável pelo sentido que lê, a Análise de Discurso (em sua relação com a história, com a língua e com o inconsciente) não se satisfaz nem com os “observáveis” discursivos comportamentais, nem com as estruturas do sujeito epistêmico da psicologia cognitiva. Pensando sobre as “relações conflituosas da análise de discurso com outros campos”, Pêcheux considera que é o campo da psicologia social a mais problemática, já que as outras disciplinas (a sociologia, a história) se reconhecem mais facilmente como disciplinas de interpretação. No entanto, afirmando o caráter polêmico da *transdisciplinaridade* da análise de discurso, Pêcheux (1983a, p. 16) acentua:

A Análise de Discurso não tem nenhuma vocação particular em dar um fim a essa interminável série de conflitos. Para ela é suficiente colocar suas próprias problemáticas e procedimentos: a questão crucial é construir interpretações sem jamais neutralizá-las no ‘não-importa-o-quê’ de um discurso sobre o discurso, nem em um espaço lógico estabilizado com pretensão universal.

A Lingüística, a história, a análise de discurso

A leitura dos textos de Pêcheux aqui apresentada mostra a construção de pontos essenciais para a relação entre Lingüística e história, fundamentada na preocupação com a constituição da Análise de Discurso como campo transdisciplinar. A história epistemológica da Lingüística – e a inserção da análise de discurso no interior desse imenso campo de problemáticas

– tem o objetivo de estabelecer suas fronteiras, seus limites, seus diálogos. Nesses diálogos, fronteiras e limites – que tematizam a *heterogeneidade*, a *alteridade*, as relações entre *intradiscurso* e *interdiscurso* – encontram-se as fontes de várias lutas teóricas que envolveram as releituras da “tríplice aliança” (Marx-Saussure-Freud), as divergências/confluências do pensamento de Pêcheux com os de Benveniste, Jakobson, Harris, Chomsky, Foucault etc. Pêcheux quis, sempre, inserir sua fala de filósofo no interior da Lingüística. Por isso, esses entrecruzamentos desenham os caminhos que a Análise de Discurso tomou nos anos 80 e 90. Nesses diálogos, recusas, retomadas, deslocamentos, a análise de discurso edificada por Michel Pêcheux fez do *discurso* um objeto de enfrentamentos teóricos e políticos.

É exatamente essa “vocaçào para o conflito”, essa problematização do lugar da análise do discurso no interior da ciência da linguagem que torna pertinente convocarmos a fala de Malidier (1990) para reafirmar a atualidade das propostas de Michel Pêcheux:

O percurso de Michel Pêcheux deslocou alguma coisa. De um ponto a outro, aquilo que foi teorizado sob o nome de “discurso” é o esboço de algumas idéias tão simples quanto insuportáveis: o sujeito não é a fonte do sentido, o sentido se forma na história por meio do trabalho da memória, a incessante retomada do já-dito; o sentido pode ser perseguido, mas ele escapa sempre. Por causa dessas reflexões de Michel Pêcheux, o discurso, no campo francês, não se confunde com sua evidência empírica; ele representa uma forma de resistência intelectual à tentação pragmática. Este pensamento continua a trabalhar em certas pesquisas sobre o discurso. Além da lingüística, ele permitiu a abertura de pistas novas em história, em sociologia, em psicologia e, sobretudo onde se trata de textos, onde se produz o encontro da língua e do sujeito (MALDIDIER, 1990, p. 89).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENVENISTE, E. Saussure após meio século. In: _____. **Problemas de Lingüística Geral**. Campinas: Edunicamp, 1988. p. 34-49. Edição original: 1966.
- FICHANT, M.; PÊCHEUX, M. **Sur l'histoire des sciences**. Paris: Maspero, 1969. 175 p.
- FOUCAULT, M. **L'archeologie du savoir**. Paris: Gallimard, 1969. 285 p.
- GADET, F.; PÊCHEUX, M. **La langue introuvable**. Paris: Maspero, 1981. 246 p.
- GADET, F.; LEON, J.; PÊCHEUX, M. Observations sur la stabilité d'une construction linguistique: la completive. In: **Linx**, n. 10. Tradução brasileira de Rosana Paulillo. Observações sobre a estabilidade de uma construção lingüística: a completiva. In: Orlandi, E. (Org.). Gestos de leitura. Da história no discurso. Campinas: Pontes, 1994. p. 201-240. Edição original: 1984.
- GREGOLIN, M. R. **Foucault e Pêcheux na análise do discurso**. Diálogos e Duelos. São Carlos: Claraluz, 2004. 220 p.
- MALDIDIER, D. (Re)Lire Michel Pêcheux aujourd'hui. In: _____. **L'inquiétude du discours**. Paris: Cendres, 1990. p. 8-89.
- PÊCHEUX, M. Remontons de Foucault à Spinoza. In: MALDIDIER, D. **L'Inquiétude du discours**. Paris: Cendres, 1990. p. 245- 259. Edição original: 1977.
- PÊCHEUX, M.; GADET, F. Y-a-t-il une voie pour la linguistique hors du logicisme et du sociologisme? **Équivalences**, Bruxelles, n. 2-3, 1977. Tradução brasileira de Eni P. Orlandi. Há uma via para a Lingüística fora do logicismo e do sociologismo?. Escritos (3). Campinas: Labeurbe; Nudecri, 1998. p. 5-16.
- PÊCHEUX, M. Effects discursives liés au fonctionnement des relatives en français. **Recherches de Psychologie Sociale**, Paris, n. 3, p. 97-102, 1981.
- PÊCHEUX, M. L'énoncé: enchassement, articulation et déliason. In: CONEIN, B. et al. **Matérialités discursives**. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1981.
- PÊCHEUX, M. Sur la (dé) construction des théories linguistiques. **DRLAV**, n. 27, 1982, p. 1-24. Tradução brasileira de Celene M. Cruz e Clémence Jouët-Pastré. Sobre a (dês) construção das teorias lingüísticas. Línguas e Instrumentos lingüísticos. Campinas: Pontes, 1999. p. 7-32. Edição original: 1882.
- PÊCHEUX, M. Sur les contextes épistemologiques de l'analyse de discours. **Mots** (9). Tradução brasileira de Eni P. Orlandi. Sobre os contextos epistemológicos da Análise de Discurso. Escritos, n. 4, p. 7-16. Campinas: Labeurbe; Nudecri, 1999. Edição original: (1983a).
- PÊCHEUX, M. Discourse: structure or event? In: NELSON, C.; GROSSBERG, L. (Ed.). **Marxism and interpretation of culture**. Chicago: University of Chicago. Tradução brasileira de Eni P. Orlandi. O discurso: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1997. 68 p. Edição original: 1983b.

São Carlos, novembro de 2003.

Revisado em maio de 2005.

SOBRE A AUTORA

Maria do Rosário Valencise GREGOLIN é doutora em Linguística pela Unesp. Realizou pós-doutorado na Universidade de Aveiro, Portugal. É professora da Graduação e do Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Unesp/Araraquara. Líder do Grupo de Estudos de Análise do Discurso de Araraquara (CNPq/Unesp). Membro do grupo de pesquisa História da Leitura, do livro e das bibliotecas (CNPq/Unesp). Autora de vários artigos, entre os quais *Os sentidos na mídia: rastros da história na guerra das cores*, *O Jeca nacional: múltiplos olhares do interdiscurso*, *A Leitura Na Escola: Formando Corações e Mentes*, *O Autor, o texto, o leitor: em torno de o Lobo e o Cordeiro*, *Discurso e memória: movimentos na bruma da história*. Co-organizadora de vários livros, entre os quais *Discurso e mídia. A cultura do espetáculo*, *Análise do Discurso: as materialidades do sentido*, *Análise do Discurso: entornos do sentido*, *Filigianas do Discurso: as vozes da História*. Autora de vários livros, entre os quais *Foucault e Pêcheux na análise do discurso*. *Diálogos & Duelos*.